

PESQUISA SOBRE O GRAU DE CONTROLE EXERCIDO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DE JORNALISMO DE UMA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA

**Monica Franchi Carniello¹, Ms. Viviane Fushimi Velloso²,
Dr. Moacir José dos Santos³**

¹ Professora Doutora da Universidade de Taubaté/ Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Taubaté, SP, monicafcarniello@gmail.com

² Professora Mestre/ Universidade de Taubaté/ Departamento de Comunicação Social, Rua do Colégio, 334, Taubaté, SP, vivianefv@gmail.com

³ Professor Doutor/ Universidade de Taubaté/ Departamento de Comunicação Social, Rua do Colégio, 334, Taubaté, SP, santos.mj@ig.com.br

Resumo

Os primeiros cursos de comunicação social determinaram o início da passagem de um processo de formação baseado na experiência para uma formação acadêmica. Para atender ao contexto contemporâneo, chegou-se no modelo de flexibilização da grade curricular, que permite a adaptação da oferta de conteúdo e disciplinas em função das práticas de comunicação atuais. Partindo do pressuposto de que a formação flexível exige e estimula uma maior autonomia do aluno no gerenciamento das atividades que fazem parte de sua formação, essa pesquisa teve por objetivo verificar o grau de internalidade e externalidade dos alunos de um curso de comunicação social com habilitação em jornalismo de uma instituição de ensino superior do Vale do Paraíba – SP em relação à sua formação profissional. A pesquisa caracteriza-se como descritiva e quantitativa, com método de coleta de dados por questionário, aplicado em uma amostra de alunos dos primeiros e quartos anos do curso de comunicação social. Verificou-se que os alunos demonstraram possuir maior internalidade. Ao relacionar os resultados com a flexibilidade do currículo do curso de jornalismo, foi possível verificar um aumento de 7% no número de alunos com locus de controle prioritariamente interno. Percebe-se que a influência na mudança de percepção é pequena, porém que existe coerência em utilizar tal modelo curricular, uma vez que é condizente com o princípio de internalidade dos alunos, estimulando e incentivando maior autonomia e controle no processo de formação profissional.

Palavras-chave: internalidade, externalidade, universitários, curso de comunicação

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação Social

Introdução

A comunicação adquiriu independência como área do conhecimento no Brasil no século XX, em função, entre outros fatores, do amplo desenvolvimento e disseminação dos meios de comunicação de massa eletrônicos e impressos, que foram elevados ao principal objeto de estudo do campo da comunicação social, sob diferentes enfoques.

O multiplicar de mídias, além de abrir um amplo leque de temáticas de estudo e produção de conhecimento, configuraram um rentável mercado, viabilizando o surgimento de organizações cujo negócio central era a comunicação, o que abriu postos de trabalho que exigiam mão-de-obra qualificada. Delinea-se, no decorrer do século XX, a profissão do comunicador.

Inicialmente, a formação dos comunicadores era empírica. Os cursos de ensino

superior em comunicação começam a ser oferecidos pelas Universidades no final da década de 1940. O primeiro curso de jornalismo em continente americano data de 1908, em Missouri. No Brasil, depois de algumas tentativas, inicia-se o primeiro curso de comunicação em 1948.

Em maio de 1943, o Decreto-Lei 5.480 finalmente criou o ensino de comunicação social em nível superior. Ele atendia a reivindicações feitas no início do século pelos atuantes no jornalismo impresso. Porém, foi graças a ação da ABI junto ao governo Getulista, que se iniciou na Faculdade Nacional de Filosofia, na Universidade do Brasil, a formação superior para a área (MENDES, 1999).

O marco histórico dos cursos de comunicação para formação de publicitários é a

fundação da Escola de Propaganda, em 1955, em São Paulo (MATEENSEN, 1999).

Atualmente, o “Brasil possui 334 cursos superiores de jornalismo, 93 deles no Estado de São Paulo” (BASSETE, 2007).

Os primeiros cursos determinaram o início da passagem de um processo de formação baseado na experiência para uma formação acadêmica. No entanto, uma dificuldade inicial foi a de conciliar os interesses e ajustar os paradigmas do ensino universitário com a realidade do mercado. Houve uma grande dificuldade em encontrar professores de comunicação inicialmente, uma vez que os profissionais atuantes na área não possuíam, em muitos casos, nível educacional superior formal, ainda que em outras áreas. Verifica-se, também, grande influência de outras áreas do conhecimento, como a literatura e o direito, com base do modelo clássico europeu.

Segundo Vieira *apud* Mendes (1999), outras fases se delineiam, após esse período inicial:

Científico-técnica: Caracteriza-se pela introdução de uma orientação calcada no modelo norte-americano. A ênfase recai no tratamento científico e teórico do fenômeno da comunicação(...).

Crítico-reflexiva: (...) Graças à experiência adquirida pelas escolas e pelo surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação em nível de mestrado, pôde-se avaliar o significado da área e sua importância dentro da sociedade.

Os cursos de comunicação no Brasil foram formatados, no decorrer de sua história, pautados na dicotomia entre teoria e prática. Havia as disciplinas do ciclo básico, que eram comuns a todas as habilitações, e dois anos compostos por disciplinas técnicas específicas de jornalismo, publicidade ou relações públicas, conforme opção do aluno. Nos cursos atuais, superou-se essa idéia de blocos de disciplinas. “Parece-nos que o problema da dicotomia básico-profissionalizante já foi superada nos cursos que optaram pela flexibilização da antiga estrutura” (PERUZZO, 2003).

A dificuldade dos cursos de comunicação, hoje, está em ter agilidade para acompanhar a velocidade das mudanças tecnológicas dos meios de comunicação, evidenciada pelo processo de digitalização das mídias. Para atender ao contexto contemporâneo, chegou-se no modelo de flexibilização da grade curricular, que permite a adaptação da oferta de conteúdo e disciplinas em função das práticas de comunicação contemporâneas e delega maior autonomia ao

aluno na administração de sua formação, uma vez que ele faz algumas opções na grade curricular conforme os interesses e direcionamento profissional pretendido.

O conceito de flexibilização pressupõe a possibilidade de propiciar uma experiência diferenciada nas trajetórias individuais, permitindo, a partir de um núcleo básico comum composto pelo que se poderia considerar a essência da formação profissional, um arranjo próprio e personalizado. Esse arranjo permite que diferentes expectativas e experiências possam conviver harmonicamente no conjunto de um curso (MORAIS, 2004).

Desde que essa flexibilização foi assegurada Plano Nacional de Graduação (Lei 10.172/2001), abriu-se uma discussão no meio acadêmico sobre como implantá-la para que esta se mostre eficaz em atingir seus objetivos, que passam pela idéia de oferecer ao aluno uma compreensão profissional diversificada, que associa ação e reflexão, permitindo uma interação com a realidade dinâmica da qual ele faz parte.

Partindo do pressuposto de que a formação flexível exige e estimula uma maior autonomia do aluno no gerenciamento das atividades que fazem parte de sua formação, essa pesquisa teve por objetivo verificar o grau de internalidade e externalidade dos alunos de um curso de comunicação social com habilitação em jornalismo de uma instituição de ensino superior do Vale do Paraíba – SP em relação à sua formação profissional.

Compreende-se por internalidade o grau em que o indivíduo relaciona os acontecimentos do dia-a-dia à comportamentos e opções individuais; e por externalidade a atribuição dos acontecimentos a forças externas, não tendo eles relação com o comportamento do indivíduo, segundo sua percepção (ROTTER, 1996).

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como descritiva e quantitativa, com método de coleta de dados por questionário. Para elaboração do instrumento de coleta de dados, foi utilizada como referência a metodologia da área de psicologia, elaborada por Rotter (1996), que propõe uma forma de mensuração do *locus-de-controle*, que pode ser compreendido como a percepção do indivíduo de "que um reforço sucede, ou é contingente, ao seu comportamento, *versus* a percepção, que o reforço é controlado por forças exteriores a ele e pode ocorrer independentemente da sua ação".

A escala proposta por Rotter foi adaptada em função dos objetivos a serem atingidos.

Cada vez que se utiliza um instrumento de avaliação de personalidade, ele deve ser colocado em questão [...] Uma nova população tem características diferentes das populações anteriores levando-nos a questionar se o instrumento utilizado avalia os constructos que se pretende, ou seja, a questionar a validade do instrumento (RIBEIRO, 1994).

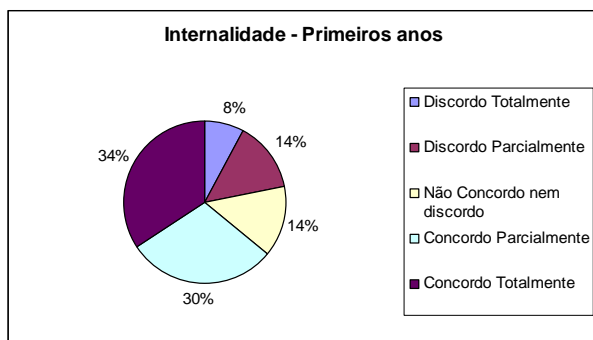
Foi elaborado um questionário utilizando a escala de Likert, com vinte afirmações, dez referentes à externalidade e dez à internalidade. Os respondentes deveriam expressar o grau de concordância com as afirmações, elaboradas em terceira pessoa.

O questionário foi aplicado em uma amostra de alunos do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo de uma universidade do Vale do Paraíba – SP. Foram aplicados 35 questionários em alunos dos primeiros anos do curso e 32 questionários em alunos dos quartos anos, em um universo de 102 alunos. A amostra foi selecionada dessa forma com o intuito de verificar se, ao passar por um processo de formação com flexibilidade curricular, que pressupõe maior autonomia do aluno, a percepção sobre o locus de controle se altera.

Resultados

Os resultados foram tabulados e representados em gráficos. Foram contabilizadas, separadamente, as respostas das dez afirmações correspondentes à internalidade e as dez referentes à externalidade.

Gráfico 1 – Grau de internalidade – 1^{os} anos

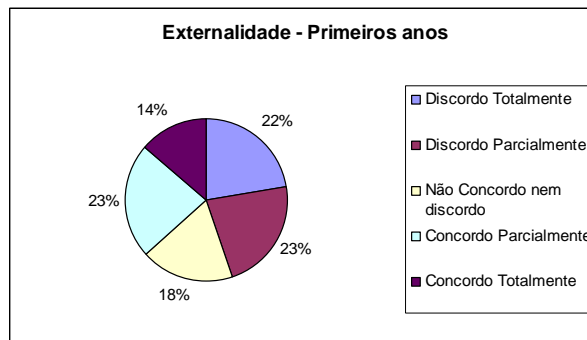


Base: 35 entrevistados. Fonte: dados primários, 2008.

Observa-se que os alunos de primeiro ano demonstram um forte grau de internalidade, visto que 34% concordaram totalmente com as afirmações que indicam que os acontecimentos relativos à vida profissional são decorrentes do comportamento do indivíduo e 30% concordam parcialmente. Portanto, 64% demonstraram ter locus de controle prioritariamente interno. Esses alunos estão em fase inicial de formação, portanto

ainda têm uma vivência pequena do currículo flexível, o que permite inferir que a flexibilização do currículo, nesses alunos, possuiu pouca interferência na percepção apurada, sendo essa uma característica adquirida anteriormente ao ingresso na universidade.

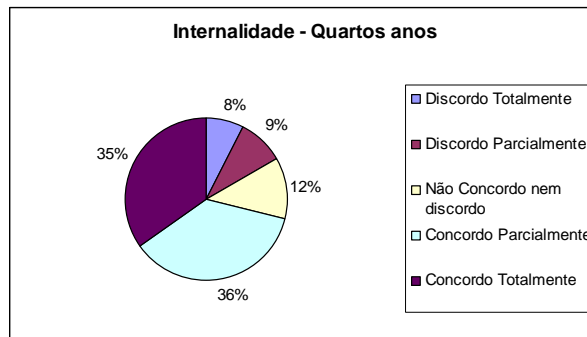
Gráfico 2 – Grau de externalidade – 1^{os} anos



Base: 35 entrevistados. Fonte: dados primários, 2008.

Ao avaliar o gráfico referente à externalidade, verifica-se que há coerência com o gráfico anterior, pois é 43% a somatória dos que concordam totalmente ou parcialmente com o locus de controle externo. Considerando que 64% demonstraram possuir um locus de controle interno, os resultados somados chegam em 97%, representando quase a totalidade da amostra.

Gráfico 3 – Grau de internalidade – 4^{os} anos

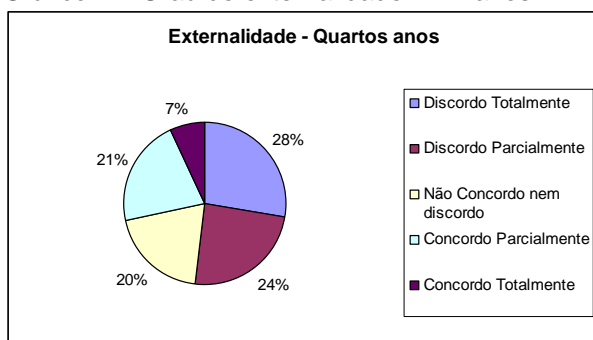


Base: 32 entrevistados. Fonte: dados primários, 2008.

O número de alunos que demonstraram maior internalidade nos quartos anos aumentou um pouco em relação aos alunos dos primeiros anos. Obteve-se um total de 71%, sendo que 35% concordaram totalmente com as afirmações que indicam que os acontecimentos relativos à vida profissional são decorrentes do comportamento do indivíduo, e 36% concordam parcialmente. Houve, portanto, uma variação de 7% em relação aos primeiros anos, o que torna possível inferir que a autonomia proposta pelo currículo flexível tem alguma influência no locus de controle dos alunos, não sendo, porém, determinante, uma vez que ao ingressar na universidade os alunos já demonstraram possuir maior grau de internalidade

e o aumento em relação aos quartos anos foi pequeno.

Gráfico 4 – Grau de externalidade – 4^{os} anos



Base: 32 entrevistados. Fonte: dados primários, 2008.

O gráfico acima revela que 43% dos respondentes expressaram maior grau de externalidade. A somatória dos que expressaram maior internalidade com os que expressaram maior internalidade ultrapassa em 14% os 100% da amostra, porém isso ocorre devido ao fato do instrumento de coleta de dados ter usado uma escala de 5 pontos, que expressa a gradação das opiniões. Portanto, é possível considerar que alguns respondentes expressaram um conflito de opiniões, expresso na gradação proposta na escala.

Discussão

O estudo possui uma amostra limitada, que não permite estender os resultados a outros cursos ou instituições. No entanto, o objetivo foi atingido, pois os resultados confirmam a validade da flexibilidade curricular e serão utilizados para aprimorar o processo de formação no curso de jornalismo da instituição estudada.

Foi determinado que o questionário será reaplicado daqui a três anos, nas salas dos primeiros anos atuais, que na ocasião estarão no quarto ano do curso, para verificar as semelhanças e diferenças em relação aos resultados apresentados nesta pesquisa, o que permitirá colher resultados mais precisos por utiliza os mesmos sujeitos, após o processo de formação vivenciado no curso de jornalismo.

Conclusão

Retomando a idéia de que pessoas com um de locus de Controle externo acreditam que o seu sucesso ou fracasso depende de regras exteriores às suas ações, como o acaso e a sorte, e que pessoas com um locus de controle interno crêem que os seus sucessos ou fracassos são determinados prioritariamente por suas ações, verificou-se que os alunos do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo

selecionados como amostra demonstraram possuir maior internalidade.

Ao relacionar os resultados com a flexibilidade do currículo do curso de jornalismo, que pressupõe maior autonomia nas escolhas de formação profissional, foi possível verificar um pequeno aumento no número de alunos com locus de controle prioritariamente interno. Percebe-se que a influência na mudança de percepção é pequena. Também é possível afirmar que existe coerência em utilizar tal modelo curricular, uma vez que é condizente com o princípio de internalidade dos alunos, estimulando e incentivando maior autonomia e controle no processo de formação profissional.

Referências

- BASSETTE, F. Jornalista é um narrador de histórias reais. 03 abr 2007. **G1**. São Paulo. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL17138-5604-2894,00.html> Acesso em 05 jun 2008.
- MARTENSEN, R. L. O ensino da propaganda no Brasil. In: BRANCO R.C.; MARTENSEN, R. L.; REIS, F. **Historia da propaganda no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.
- MENDES, R.F. A profissionalização do jornalismo no Brasil. Abr 1999. Sala de Prensa. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art40.htm> Acesso em 05 jun 2008.
- MORAIS, M.L.N. **A compreensão da flexibilização curricular nos projetos pedagógicos dos Cursos de Jornalismo** 7^o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – Florianópolis - SC. 2004. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/grupos.php?det=56> Acesso em 05 jun 2008.
- PERUZZO, C.M.K. Tópicos sobre o ensino de comunicação no Brasil. In: PERUZZO, C.M.K.; SILVA, R. B. da. **Retrato do ensino em comunicação no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, Taubaté: UNITAU, 2003.
- RIBEIRO, J.L.P. **Reconstrução de uma escala de locus-de-controle de saúde**. Psiquiatria clínica, 1994. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/docentes/paisribeiro/testes/LOcus.htm> Acesso em 05 jun 2008.
- ROTTER, J.B. **Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement**. Psychological Monographs, 1996.